



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

PSICANÁLISE, CULTURA E EXERCÍCIO DA LIVRE SEXUALIDADE HUMANA – DESEJO E FALTA NA BISSEXUALIDADE.

Glacyanny Pires Alves Lira – Universidade Federal do Vale do São Francisco
(UNIVASF)

Freud encarregou-se de romper com o discurso biologizante sustentado pela sexologia, que, a partir da noção de instinto, reduzia o sujeito a um padrão fixo de comportamento e classificava de perversa toda e qualquer conduta sexual que não conduzisse à preservação da espécie. (MARQUES, 2010, p. 469)

Se, segundo a psicanálise, o sujeito humano é constituído como ser de desejo, e o desejo é direcionamento de energia libidinal destinado a um objeto, e se esse objeto nada mais é do que um depositário de sua libido, por definição, nada impede de que esse desejo esteja voltado para um corpo feminino ou masculino – o objeto libidinal é sem sexo e sem nome, portanto o desejo direciona-se ao sujeito outro e não a um ou outro gênero de sujeito.

Partindo dessa assertiva e da convicção de que a escolha objetual é feita livre de diferenciações de gênero, mas mobilizada pela pulsão – e seria redundante falar em pulsão sexual, já que, em essência toda a pulsão está intrincada diretamente com o cunho energético sexual – e pela libido, é viável a aceitação, já cunhada por Freud, de que os sujeitos estão dispostos à bissexualidade – e para evitar rótulos e futuras análises pré-concebidas sugere-se que a essa condição de obediência ao desejo, puro e pulsional, advindo de sê-lo desejo apenas, seja despida da alcunha de bissexualidade para analisar-se como exercício liberto se ser sexual e de praticar-se a sexualidade como melhor convenha a cada sujeito: como ser de desejo.

Outra parte importante para o entendimento do cerne da construção psicanalítica – em relação ao sujeito e suas formas de exercer livremente sua sexualidade – é a questão da falta, falta constitutiva do sujeito e mobilizadora dos desejos, desejos esses que são desprovidos de uma esteriotipização de gênero. A sexualidade do sujeito é, sobretudo, pulsional e não, obrigatoriamente, genital – o desejo que rege o sujeito está direcionado a um objeto e essa



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

catexia – liberação de energia pulsional – direcionada ao outro – a catexia objetal – está tanto para um quanto para outro representativo de gênero.

O sujeito psicanalítico é constituído, portanto, de sua falta – que procura a todo o momento ser preenchida, completada – e pelo desejo, o desejo libidinal de direcionar sua pulsão – sua energia sexual – a um objeto, e esse objeto, é, portanto, seu alvo de desejo. Essa formação do direcionamento do desejo é dada em um plano, *a priori*, inconsciente, e o inconsciente do sujeito não discerne o gênero oposto como único objeto possível para o direcionamento de sua libido – sendo, destarte, essa escolha objetal de cunho bissexual, na essência da palavra se ser uma escolha ambígua, dupla – ou mesmo mais essencialmente, uma possibilidade de opção entre um e outro objeto, ou ambos.

Essa catexia objetal direcionada a um gênero não pré-definido, mas a um objeto de desejo externo a quem será depositada uma energia libidinal está diretamente relacionada à questão do desejo, um desejo essencialmente humano – de desejar ao outro primeiramente, esse outro sujeito sem sexo, mas depositário de seu desejo – dificilmente caracterizado de uma forma senão a de uma bissexualidade psiquicamente primitiva. Essa predisposição psiquicamente anterior à escolha consciente do seu objeto sexual e como o sujeito lida com sua execução da sexualidade estão bem apresentados por Monteiro e Moura em:

Segundo a psicanalista McDougall (1999), abdicar da bissexualidade é uma tarefa árdua, pois há o desejo, em todo ser humano, de pertencer a ambos os sexos, alimentando a fantasia de possuir sexualmente e identificar-se simultaneamente com homens e mulheres (MONTEIRO & MOURA,[201?] , p.2 apud MCDOUGALL, 1999).

Já no início da formulação da psicanálise, quando Sigmund Freud elaborou suas teorias acerca da sexualidade infantil essa questão da elaboração psíquica acerca da sexualidade primitiva, caracterizada pelo infante, já era pauta de um delineamento sobre o aspecto perverso da sexualidade.

O exercício pulsional dos desejos ambíguos do sujeito quanto à identificação ao gênero a qual pertence e a qual – ou quais – se deseja foi sempre visto com algo amorfo, mas o que a psicanálise – a freudiana – vem defender, e que embasa os argumentos utilizados



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

neste trabalho é que o objeto de escolha do sujeito é indeterminado pelo gênero pertencente ao outro sujeito – ou seja, o desejo o é independente do objeto e, principalmente, do tipo de gênero do sujeito a que se destina. Marques (2010) se utiliza muito bem de uma citação de Freud (1905/1996) para explicar sobre essa visão psicanalítica freudiana:

A psicanálise considera, antes, que a independência da escolha objetal em relação ao sexo do objeto, a liberdade de dispor igualmente de objetos masculinos e femininos, tal como observada na infância, nas condições primitivas e nas épocas pré-históricas, é a base originária da qual, mediante a restrição num sentido ou no outro, desenvolvem-se tanto o tipo normal como o invertido. No sentido psicanalítico, portanto, o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher é também um problema que exige esclarecimento, e não uma evidência indiscutível que se possa atribuir a uma atração de base química. (MARQUES, 2010 apud FREUD, 1905/1996, p.469).

A escolha do gênero do objeto sexual de cada sujeito – ou mesmo a abstenção dessa escolha de forma concisa, mas a decisão de estar-se disponível a manter relações do tipo sexual com um e outro gênero sem que haja sido feita uma escolha objetal – faz parte da constituição psíquica do sujeito, visto, pois, que a psicanálise nasceu da sexualidade, é ela a mola propulsora da teoria psicanalítica e dela deriva a elaboração primitiva do sujeito.

O sujeito é, pois, antes de qualquer outra construção psíquica um ser de desejo e voltado a completar a falta que esse desejo – que extrapola e que é, essencialmente, inconsciente e incontrolável – provoca. A partir desse conceito de desejo e além, direcionando esse desejo ao sexual, de fato, Freud chegou a questionar qual seria o cunho efetivo do sexual, o que seria, factualmente, e o que delimitaria seu conceito. Em sua XX Conferência de Viena (1915-1916) levantou um forte ponto que é aporte para uma indiferenciação entre escolher-se por um direcionamento objetal do tipo sexual do gênero feminino, masculino ou ambos:

[...] Falando sério, não é fácil delimitar aquilo que abrange o conceito de “sexual”. Talvez a única definição acertada fosse “tudo o que se relaciona com a distinção entre os dois sexos”. [...] Se tomarem o fato do ato sexual como ponto central, talvez definissem como sexual tudo aquilo que, com vistas a obter prazer, diz respeito ao corpo e, em especial, aos órgãos sexuais de uma pessoa do sexo oposto, e que, em



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

última instância, visa à união dos genitais e à realização do ato sexual. (FREUD, 2006, p. 309).

Se, para Freud (1915-1916/2006), o sexual está ligado à uma questão de junção de genitais, e, claramente, ambos os sexos os possuem então está mais que claro que a questão do sexo está, indistintamente presente, tanto em um quanto em outro sexo – e nada impede que essa execução do sexual seja praticada livremente de maneira não-estereotipada e sim conforme o desejo pulsional e estritamente humano.

Outro ponto alto dessa mesma assertiva de Freud sobre o sexual tocante ao sujeito é o fato de falar-se sempre em sexo e não em gênero, e sendo o gênero uma construção social que extrapola o conceito de masculino e feminino – os sexos biológicos e biologizantes – está claro que, nas entrelinhas da constituição psicanalítica freudiana, não há uma caracterização entre a escolha de gênero – o que é, em suma, um direcionamento focalizado na bissexualidade, ou livre execução da sexualidade.

Além do âmbito relacionado ao campo psicanalítico propriamente dito – e mesmo assim o sendo, já que a psicanálise ocupa-se, sim, com a cultura e seus perpasses sociais – vale aqui analisar as questões sociais e culturais intrincadas no processo de construção e aceitação da bissexualidade como escolha humana e, fundamentalmente, pessoal, psíquica e comportamental.

Uma boa forma de analisar essa questão social e cultural ligada ao desrespeito ao que seria uma opção apenas sexual, que socialmente não deveria interferir nos outros fatores do sujeito, é uma metáfora social de cegueiras muitas que devem ser expostas para que se sinta, socialmente, o peso que esse fazer-se ausente e cego gera para uma sociedade cada vez mais complexa e complicada – complexa nas suas diversas facetas e caminhos e complicada de viver e assumir os múltiplos papéis impostos; papéis estes que estigmatizam o suposto padrão correto de se pensar e agir e determinam a normalidade de comportamento, evidentemente, para a heterossexualidade, normativa e restritiva.

Boas analogias à cegueira são as relações de poder executadas – sim, executadas, porque o poder dos “não cegos” é foice afiada na mão de errados – nos âmbitos sociais e culturais – onde o exercício da sexualidade não normativa, ou seja, homossexualidade ou bissexualidade é condenatório e exasperantemente não pró-social, no sentido enraizado



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

culturalmente do termo. E é clichê falar, analogicamente, de cegos e “enxergantes” – se o neologismo é permitido – em questões de gênero; mas o que é a sociedade senão um jogo político de detentores da visão e do poder sob cegos de consciência e de ação? Além desse embate clássico de poder, há ainda a inversão, proposital e extremamente interessante para os agora cegos, de tornarem-se cegos para não responderem por si. É fácil não ver quando há benefícios nisso, o difícil é deixar-se de sê-lo quando a cegueira está tão arraigada que torna-se constitutiva.

Costa (1994) expressa com maestria a questão da sexualidade vista sob uma ótica da cultura e dos processos sociais tão restritivos:

A sexualidade é o aspecto mais conflituoso, controverso e desconhecido do ser humano. A nossa cultura lida mal com esse importante aspecto da vida e, para agravar, cria modelos estanques nos quais pretende encaixar e classificar as pessoas. Esses moldes, muitos dos quais baseados apenas no preconceito e na falta de informação, não nos permitem que sejamos exatamente aquilo que somos ou que poderíamos ser. (COSTA, 1994, p.4-5).

E, unindo as duas perspectivas: a sociocultural e a psicanalítica – não que uma seja distante da outra, mas, sim, encaixam-se e fundem-se em questões de gênero, por exemplo – está a primeira a apontar construções sociais como diretamente causais aos comportamentos sexuais múltiplos e a segunda a pontuar acerca das construções psíquicas inconscientes que permitem ao sujeito a vivência de sua sexualidade como bem lhe for útil e prazeroso.

Ambas as formas de abordar a questão da sexualidade e sua livre execução, portanto, trabalham com construções – processos contínuos que culminam sempre na constituição do sujeito –, e essas construções permeiam-se e se entrecruzam, pois o psíquico não o é de fato sem o desenvolvimento, e o desenvolvimento – tanto o maturacional quanto o mental – depende diretamente do social.

Conclui-se, destarte, que já que existe um intercruzamento – e mais, uma interdependência – entre a esfera social e a esfera psíquica – aqui representada pela estruturação psicanalítica do desejo e da falta como constituintes do sujeito – a sexualidade – e suas múltiplas facetas possíveis e psíquica e genitalmente executáveis – do sujeito é constituída num domínio psicossocial: uma interação entre a *psique* e a cultura.



**X Colóquio Nacional Representações
de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Referências Bibliográficas

COSTA, Ronaldo Pamplona da. **Os 11 Sexos**: as múltiplas faces da sexualidade humana. São Paulo: Gente, 1994.

FREUD, Sigmund. **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise** (Parte III) 1915-1916. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume XVI. Imago Editora: Rio de Janeiro, 2006.

MARQUES, Luciana Ribeiro. **As homossexualidades na Psicanálise**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-ii-ano-ii/artigos/3-as-homossexualidades-na-psicanalise.pdf>> acesso em: 02 Maio 2014.

MONTEIRO, H. M; MOURA, L. M. F. **O mal-estar bissexual**. [s.l] [201?] Disponível em: <http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/posteres_iv_congresso/mesas_iv_congresso/mr92-henrique-moura-monteiroe-luana-nogueira-de-farias-moura.pdf> acesso em 02 Maio 2014.